



III CONGRESSO ESTADUAL DE ASSISTENTES SOCIAIS Rio de Janeiro - RJ - Brasil

ANTECEDENTES PATRIARCAIS E A OPRESSÃO DA MULHER

Deise Boechat (a) - a
a

TITULO: ANTECEDENTES PATRIARCAIS E A OPRESSÃO DA MULHER

Palavras-chave: Patriarcado; Opressão; Mulher; Exploração; Dominação

Keywords: Patriarchate; Oppression; Woman; Exploration; Domination

1. INTRODUÇÃO

Nesta produção faremos uma abordagem sobre o significado do patriarcado e sua trajetória histórica, vislumbrando indicadores da existência da dominação masculina sobre a hipótese de que esta dominação resultou no patriarcado. Serão levantados também dados e exemplos da relação homem-mulher que nos permitem perceber as construções e as influências que definem uma posição de evidência da figura masculina e seu “poder” patriarcal ou, simplesmente, o poder do homem sobre a mulher. Abordaremos de forma breve a história semântica do termo patriarcado e sua relevância sobre quem definimos como patriarca para que seja possível determinar seu grau de interferência nas relações sociais que caracterizam a sociedade burguesa. Este estudo se faz pertinente para compreender porque as discrepâncias entre os sexos são tão representativas e, mais que isso, extremamente significativas no sistema econômico e social capitalista.

2. DESENVOLVIMENTO

Antecedentes do patriarcado: uma visão sobre sua origem histórica

O levantamento dos dados para a pesquisa foi realizado a partir de dados secundários com revisão bibliográfica e documental. A história semântica do termo patriarcado, segundo HIRATA et al (2009), pode ser explicada pela tradução oriunda da aglutinação da palavra *patér* (pai), mais *arkhé* (origem¹ e comando). A autoridade na palavra patriarcado é duplamente identificada, primeiro na tradução literal do termo *arkhé*, e segundo se pensarmos na representatividade da palavra pai e no seu valor dado à figura masculina para estar em posição de prestígio. É preciso salientar que a semântica da palavra patriarcado possui formas distintas de representação de poder, mas nenhuma relação com a filiação biológica, visto que “A palavra *pater* tinha outro sentido (...) na língua do direito [aplicava-se] a todo homem que não dependia de nenhum outro que tinha autoridade sobre uma família e um domínio” (HIRATA et al 2009 p.174, apud COLANGESA, Fustel1864). O patriarca não necessariamente é o pai, desse modo, atribuir apenas uma relação biológica à palavra, é um equívoco, pois esta intenção cabe a outros termos como genitor que se refere às relações biológicas. Portanto, definindo o patriarca apenas por uma relação biológica,

¹Aqui origem define-se também como autoridade, pois no grego antigo a origem é marca de poder.

distanciamos indiretamente do significado da palavra patriarcado deixando assim de abranger a totalidade do termo como uma autoridade masculina e não paterna. A palavra patriarcado pode ser usada para definir a dominação dos homens, sejam eles, pais, maridos, tios, irmãos, colegas de trabalho, ou qualquer figura masculina que possua ou não relação biológica sem perder seu valor. Com o intuito de problematizar o surgimento do patriarcado, é interessante resgatar o livro clássico “A origem da família da propriedade privada e do estado” de Engels (2016), escrito em meados do século XIX. Nessa obra, Friedrich Engels, com base nos escritos de Marx sua crítica a Lewis Henry Morgan, utiliza argumentos que espraiam na produção e reprodução da vida imediata subdivididos em dois modelos de produção. Um modelo diretamente relacionado à produção de meios de existência em termos do trabalho e da reprodução material; e outro relacionado à família no que se refere a sua reprodução e continuação da espécie. Apesar do autor subdividir esses dois modelos, ambos estão diretamente relacionados, e juntos permitem definir a forma da ordem social de uma estrutura hierarquicamente patriarcal não só no que tange à família, como também no que diz respeito à sociedade civil. Desse modo, a partir desta hipótese da alteração também na ordem social, determinamos a importância da percepção de Engels sobre a dependência feminina ser resultado do processo histórico de desenvolvimento das forças produtivas.

3. RESULTADOS

Patriarcado e a construção da dominação masculina

Engels (2016) identifica processos de dominação-exploração masculina desde as tribos selvagens até a origem da família burguesa, deixando claro que mesmo que as teorias do patriarcado o classifiquem como um fenômeno jovem, ele determina a sua presença determinada por relações de exploração e dominação, permitindo, assim, evidenciar sua existência como anterior ao que alguns teóricos determinam. Saffioti (2004, *apud* BERTAUX, 1977) assinala que no ano 3100 a.C. teve início o processo de instauração do patriarcado, mas que só se consolidou no ano 600 a.C. Diante disso, conforme a autora, a idade da estrutura hierárquica do patriarcado é de aproximadamente 2.603-4 anos, se considerado somente a partir do ano em que tal estrutura se consolidou. Engels, por meio da análise das teorias de Bachofen (1861) e Morgan (1877), faz suas descobertas da origem da opressão à mulher, da família e do casamento. A respeito do livro de Engels, Toledo (2006) faz referência à obra como um clássico que orienta as origens da opressão da mulher. A autora afirma que estas teorias foram importantes, visto que foram introdutórias aos estudos de Marx e Engels sobre a origem da propriedade privada e dos meios de produção e que foi

o impulso para o movimento revolucionário marxista passar a integrar em sua conjuntura a luta pela emancipação feminina.

TOLEDO (2006) destaca que:

As descobertas feitas pela antropologia do século 20 nos permitem concluir que a monogamia não surgiu com a propriedade privada, como acreditava Engels, mas antes dela, já com a exploração; a propriedade privada apenas acirrou, de forma brutal, a opressão da mulher, e a consolidou. No entanto, o grande mérito de Engels foi associar o surgimento da opressão da mulher a uma causa econômica e não natural ou psíquica. Para ele, o surgimento da monogamia não foi, de forma alguma, fruto do amor sexual individual, mas pura convenção. Foi a primeira forma de família que teve por base condições sociais e não naturais. E foi, mais que nada, o triunfo da propriedade individual sobre o comunismo espontâneo primitivo. (TOLEDO, 2006, p.7)

Além disso, Engels (2016) atribui à monogamia um grande processo histórico. Todavia, a monogamia introduz com a escravidão e as riquezas privadas uma forma antiquada de progresso, compreendendo que o desenvolvimento está para alguns de uma forma distinta que para outros. A monogamia “é a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza das contradições e dos antagonismos que atingem seu pleno desenvolvimento nessa sociedade” (ENGELS, 2016 p.79). Para Engels a monogamia seria o meio pelo qual a sociedade civilizada se organiza e as contradições e antagonismos nesta forma de organização social se ampliam.

4. CONCLUSÃO

Engels (2016) compreende o pioneirismo e a importância dos estudos de Bachofen, o que pode ser visto ao longo de sua obra que é baseada não só em suas teorias, como também nas teorias de seus sucessores, a saber: Mac Lennan, com o “Casamento Primitivo” (1865); Lubbock, com a “Origem da civilização” (1870); e Lewis Morgan, com “A sociedade antiga” (1877). Esta relevância pode ser percebida, dado que Engels discorre sobre estes autores com certa minúcia. A relevância para nossa discussão está em como nenhum deles consegue justificar a suposta construção igualitária do homem e da mulher, ou até mesmo de superioridade feminina viés “soberania” da linhagem materna. O que se pode perceber é que há uma tentativa de forçar a vantagem da figura feminina, mas na medida em que estes autores desenvolvem suas teorias é possível notar exemplos de força bruta do homem sobre a mulher. É o caso, por exemplo, do matrimônio por rapto com violência² que Mc Lennan encontra em povos selvagens bárbaros, ou ainda em relação ao costume dos selvagens de matar crianças nascidas do sexo feminino.

²O matrimônio por rapto com violência é quando ocorre captura de sua futura esposa da casa de seus pais de forma abrupta e violenta, esse ato podia ser realizado não só na presença dos noivos, como também como testemunho de amigos do noivo.

REFERÊNCIAS:

BACHOFEN, Johann Jakob. Das Mutterrecht: eine Untersuchung über die Gynaiokratie der alten Welt nach ihrer religiösen und rechtlichen Natur. Stuttgart: Verlag von Kraiss & Hoffmann, 1861.

COULANGES, F. de. La Cité antique. Paris: Hachette, 1864.

ENGELS, Friedrich. A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado 2ª ed, Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

HIRATA, H. et al. (Orgs.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MORGAN, Lewis H. 1877. Ancient Society. Com prefácio de Elisabeth Tooker. Tucson, The University of Arizona Press, 1985.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

TOLEDO, Cecília. O marxismo e o problema da emancipação da mulher. LTI-QI, Liga internacional de los trabajadores, Barcelona, Cuarta internacional. 2006.